



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## GAÚCHOS E *GAUCHOS*: UM PAMPA, DUAS NAÇÕES<sup>1</sup>

Brandalise, Roberta

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) -RS/BR

**RESUMO:** Este estudo de caso tenta compreender como as pessoas que vivem na fronteira entre Uruguaiana (RS/BR) e Paso de los Libres (Corrientes/AR) elaboram as representações acerca das relações sociais entre Brasil e Argentina a partir do cotidiano, da competência cultural e do consumo televisivo. Através da entrevista e da observação participante verificamos que a instabilidade econômica da região fronteira, ditada pelas políticas dos Estados Nacionais, afeta as relações sociais entre as comunidades de fronteira, promovendo um certo distanciamento na convivência entre brasileiros e argentinos. Neste contexto, a televisão brasileira e a argentina exercem um papel que alimenta os conflitos entre brasileiros e argentinos ao sublinhar os ganhos e as perdas econômicas nas relações Brasil-Argentina, ajudando, assim a construir representações que se confrontam no espaço fronteiriço.

Palavras-chave: fronteira, identidades culturais e consumo televisivo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



## Introdução

Foram seis anos morando na fronteira, chamando beterraba de *remolacha*, batata de *papa* e comprando carne na Argentina todo sábado de manhã. Todos os dias era possível acompanhar pela janela o sol fazendo a travessia sobre as águas do Uruguai e se deitando em planícies internacionais. A ponte internacional era bicolor, demarcava a propriedade de nações diferentes, divisa que o sol não conhecia e atravessava todos os dias sem lhe pedirem documento nenhum.

Quando surgiu a oportunidade de pesquisar o consumo televisivo, encontramos na nossa infância fronteiriça um espaço fértil para as pesquisas de comunicação. Quase

uma década depois, decidimos revisitar a fronteira para estudar sua gente e suas trocas simbólicas. Se a interação do receptor com a ideologia dominante se constrói a partir de discursos institucionais múltiplos, relações sociais baseadas em distinções econômicas, étnicas, culturais, etc, que só podem ser explicadas historicamente (Ronsini, 1999, p.27), consideramos que as mediações culturais contribuíram historicamente para a construção das representações da comunidade fronteiriça.

A partir da leitura de autores latino-americanos como Jesus Martín-Barbero e Néstor Garcia Canclini, entendemos que meios de comunicação como a televisão só podem ser estudados à luz de contextos específicos, pois sua atuação na construção de significados e de práticas sociais depende de suas relações com o tempo e o espaço social, cultural e histórico. Esse ponto de vista, que valoriza o estudo das identidades culturais como mediadoras no processo de construção de sentidos, direcionou o nosso olhar empírico para as identidades culturais que se confrontam na fronteira.

Espaços de divisa entre países e de contato entre nações, como é o caso dos povos fronteiros que habitam as cidades de Uruguaiana e Paso de los Libres, configuram um fecundo campo de análise, porque, além de articular identidades nacionais, as comunidades de fronteira partilham uma identidade regional sustentada por uma história comum, pela mistura de tradições, pelo trânsito comercial constante e pelas semelhanças nas atividades produtivas.

Os processos comunicativos que se estabelecem no ambiente de fronteira são peculiares porque as noções acerca da própria identidade nacional e as representações construídas a respeito da identidade de um outro povo se confrontam cotidianamente.



Olhando o espaço fronteiriço sob esse prisma, tomamos as representações acerca do “ser argentino” e do “ser brasileiro” como identidades culturais que medeiam o processo de consumo televisivo na fronteira. Consideramos importante distinguir o papel dos próprios meios de comunicação na construção destas representações, apesar de os considerarmos apenas uma das matrizes destas representações.

Acreditando que as representações que o argentino cria a respeito do brasileiro e vice-versa são constituídas a partir da dinâmica do contato sociocultural interfronteiriço que, por sua vez, medeia os processos de significação elaborados pelo receptor, viajamos até a fronteira entre Brasil e Argentina. A pergunta que nos fizemos foi sobre como a população da fronteira entre Uruguaiana (Estado do Rio Grande do Sul/ Brasil) e Paso de los Libres (Província de Corrientes/ Argentina) elabora as representações acerca das relações sociais entre Brasil e Argentina a partir do cotidiano, da competência cultural e do consumo televisivo.

A cotidianidade fronteiriça, derivada da cotidianidade familiar proposta por Barbero (1987), é considerada como categoria de análise porque entendemos que através da análise do cotidiano nos espaços públicos da fronteira é que as relações entre brasileiros e argentinos revelam sua complexidade. Também estudamos a competência cultural como mediação nos processos de recepção e consumo cultural. Nesta categoria abordamos cinco aspectos que competem à cultura e tecem o material identitário na fronteira: escola, memória, etnia, cultura nacional e cultura regional. A outra categoria que elencamos para a análise teórico-metodológica de nosso objeto de estudo foi a mediação videotecnológica proposta por Orozco (1990).

No momento em que desenvolvemos esta pesquisa, a Argentina estava agonizando o auge de uma amarga crise econômica, o chamado *efeito tango*<sup>2</sup>. A paz na fronteira se via frequentemente perturbada por episódios gerados por conflitos econômicos e diplomáticos, como o problema da febre amarela, da aftosa e da greve dos caminhoneiros.

Neste tumultuado contexto, tínhamos por objetivo investigar as representações referentes às relações Brasil-Argentina na fronteira Uruguaiana-Paso de los Libres nos seguintes aspectos:

---

<sup>2</sup> A moeda argentina estava sem lastro depois de dez anos de paridade cambial com o dólar.



noções de identidade nacional e representações construídas acerca dos brasileiros e argentinos. Também procuramos descrever práticas sociais e culturais da fronteira. Estudamos como brasileiros e argentinos de classe média constroem as representações acerca das identidades culturais que se relacionam na fronteira, a partir das mediações cotidianidade, competência cultural e consumo televisivo.

Na tentativa de alcançar como as representações acerca das identidades culturais são construídas a partir do consumo televisivo, da competência cultural e do cotidiano na fronteira, organizamos a pesquisa empírica em duas etapas: primeiro, a fim de selecionar a amostra, entrevistamos dezoito pessoas, coletamos dados sobre situação sócio-econômica, ocupação, grau de instrução, ascendência, contato com o meio rural, domínio de línguas estrangeiras, viagens, atividades no tempo livre, contato com o tradicionalismo, exposição aos meios de comunicação e também fizemos um estudo piloto acerca das representações. Na segunda etapa, investigamos as representações acerca de brasileiros e argentinos com doze selecionados de classe média, com idade entre 40 e 55 anos. A seleção da amostra deste estudo de caso é intencional e de acordo com o critério de classificação de grupos socioeconômicos, baseado em faixas de renda e padrões de consumo, da ABA/ABIPEME. No decorrer dessas duas etapas, estivemos inseridas no contexto híbrido da fronteira, observando o cotidiano fronteiriço.

Em busca das representações que mostram como brasileiros e argentinos se miram através das fronteiras simbólicas, investigamos acerca da cultura nacional, perguntando sobre os símbolos das nações, sobre patriotismo -aspecto que se mostrou relevante na execução do estudo piloto. Pesquisamos sobre as qualidades e defeitos do homem e da mulher brasileiro(a) e argentino(a) no trabalho, no lazer, na família e na rua; sobre como é o político (representação que assumiu importância durante o estudo piloto), o rico e o pobre destas nações. Em seguida, questionávamos sobre como aparecem brasileiros (as) e argentinos(as) na televisão brasileira e argentina, também sobre como o rico, o pobre e o político destas nações aparecem na televisão. O Mercosul também é investigado no âmbito da cotidianidade e das representações televisivas. As questões sobre cultura regional buscavam as semelhanças e diferenças entre os correntinos e os gaúchos, entre uruguaianenses e librenhos.



## Metodologia

A observação participante conjugada com a entrevista semi-estruturada foram os instrumentos desta investigação, responsáveis pela construção empírica desta jornada fronteiriça. Através da observação participante é possível participar de um cotidiano, no qual as identidades culturais se expressam, se confrontam, se constituem em seu aspecto relacional com a mídia e com a competência cultural. Usar este método implica participar da subjetividade do grupo a fim de captar a maior sorte de influências culturais nas ações dos indivíduos como receptores e como agentes sociais. Segundo Haguette (1992, p.104), “o observador de campo pode geralmente alocar motivos e/ou intenções com maior chance de validade pela oportunidade que tem de contrastar ideais afirmados com comportamentos, podendo descrevê-los na forma como eles se impõem”. Este tipo de investigação evita a perda de qualidade e de profundidade nos dados, como aconteceria se fosse realizado um estudo com questionários, porque nestes, as variáveis relacionadas ao problema se originam longe do objeto de estudo e, portanto, o pesquisador ainda não partilha de uma série de informações elucidativas sobre o objeto.

Utilizamos a entrevista do tipo semi-estruturada (Thiollent, 1980), porém concedendo ao entrevistado liberdade de interrompê-la, contar histórias ou tecer comentários. Neste tipo de entrevista, as perguntas são previamente elaboradas seguindo uma seqüência lógica planejada. É um recurso importante para coletar informações sobre aspectos, tais como situação socioeconômica; meios de comunicação de massa; fronteira; representações referentes à Argentina-Brasil, argentino-brasileiro; representações televisivas sobre Argentina-Brasil, argentino-brasileiro. Também usamos a técnica da história de vida durante as entrevistas semi-estruturadas para reconstituir a trajetória das relações interfronteiriças que os ascendentes, amigos ou as próprias pessoas experimentaram. Foi uma tentativa de fazer os entrevistados se lembrarem das relações entre brasileiros e argentinos em outra época. Esta técnica permitiu abordar a questão da memória, um dos fatores da competência cultural, através da reconstituição de situações que tenham unido ou desunido brasileiros e argentinos na fronteira, além de captar pistas para investigar o papel das informações veiculadas pela televisão, referentes às relações Brasil – Argentina, na vida cotidiana.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Para poder entender como as representações veiculadas pela televisão importam para constituir as noções de identidade cultural, foi preciso descobrir primeiro o que se consome na fronteira em termos de meios de comunicação. É importante deixar claro que os librenhos têm acesso à televisão aberta brasileira antes de terem assistido qualquer canal argentino. O que eles mais consomem da programação brasileira são telenovelas, telejornais e programas de auditório dos canais Globo, SBT, Bandeirantes e Record. Em relação a TV argentina a preferência deles é pelos programas informativos dos canais *TodoNotícias* e *Crônica*. Pesquisando se os brasileiros podem ter acesso aos meios de comunicação argentinos, descobrimos que os veículos com os quais a maioria dos uruguaianenses mantêm contato são as rádios de Libres. Os brasileiros não têm o hábito de consumir o único canal argentino a que estão expostos, o *Argentina Televisión Color* (ATC), via cabo. Em relação ao consumo televisivo, os brasileiros demonstraram interesse por programas da TV brasileira: informativos e programas de humor, além de novelas.

#### Drama de fronteira: disputas políticas e mídia

Os fronteirões sofrem os efeitos das políticas econômicas dos Estados Nacionais no cotidiano, eles afirmam que as relações sociais interfronteiriças pioraram depois do Mercosul. Explicam que o Mercosul é um negócio de grandes empresas sediadas em Buenos Aires e São Paulo. No âmbito da fronteira, criaram-se entraves, antes o trânsito era mais livre e o comércio tinha caráter cooperativo, agora a dependência mútua persiste mas o comércio acaba gerando mais conflitos do que aproximação entre os fronteirões, acaba resumindo-se a troca de mercadorias. Isso acabou afastando as comunidades da fronteira, que sempre tiveram um elo social e comercial. Os entrevistados acreditam que a figura do atravessador, papel desempenhado pelos moradores da fronteira, promovia a comunicação entre as comunidades fronteiriças.

A televisão, brasileira e argentina, sublinham as disputas econômicas entre as nações. Os políticos personificam o confronto entre os países na mídia. O telejornalismo argentino enaltece a competência do político brasileiro, mas culpa o Governo brasileiro pelos problemas econômicos argentinos, por sua vez, o telejornalismo brasileiro desqualifica os políticos



argentinos e os culpa por possíveis danos à economia brasileira. Desta forma, a televisão colabora para reforçar as nacionalidades na fronteira.

As representações deles em relação ao Mercosul estão permeadas pela memória de tempos em que as relações econômicas fronteiriças eram mais fáceis e solidárias. Também estão permeadas pela cotidianidade que se desenrola pós-Mercosul, um dia-a-dia atravessado pelas políticas econômicas nacionais que instabilizam a região. O cotidiano e a memória medeiam a visão positiva que as mídias brasileiras passam sobre o Mercosul, geram a crítica.

Parecidos e diferentes: um gaúcho, duas nações

Quando perguntamos sobre a gauchidade, sobre as semelhanças entre correntinos e gaúchos, entre uruguaianenses e librenhos, a cultura regional se manifesta promovendo a identificação entre brasileiros e argentinos. A respeito dos hábitos comuns dos argentinos e dos brasileiros, citam a cultura do campo, o tipo de trabalho, a música e a comida. Aham a música correntina e a música gaúcha muito próximas, principalmente o chamamé. O churrasco e o chimarrão, o consumo de cordeiro e de arroz marcam a tradição alimentar da fronteira. Mas já é possível notar uma tendência a estabelecer distinções baseadas nas nacionalidades, mesmo no que diz respeito a elementos do imaginário regional. Os argentinos, por exemplo, se dizem parecidos com os brasileiros gaúchos, mas marcam as diferenças o tempo todo, como quando destacam a diferença de qualidade entre a erva-mate de um país e do outro, ou quando estabelecem que a mulher brasileira é sensual e a mulher argentina é inteligente.

Também é possível observar o símbolo de uma cultura nacional tornando-se elemento identificador entre librenhos e uruguaianenses, como é o caso do carnaval que é tomado pelos librenhos como elemento que estabelece semelhanças entre argentinos e brasileiros que vivem na fronteira. O carnaval, evento que identifica a nação brasileira, pode ser entendido como uma festa que foi assimilada pelos argentinos



que vivem na fronteira pelo contato direto e regular com os uruguaianenses e com a mídia brasileira. Outro indício da forte presença das culturas nacionais sobrepondo-se ao material identitário regional é percebido nas representações dos brasileiros que, constantemente, esforçam-se em mostrar que evoluíram em seu comportamento social distinguindo-se assim dos argentinos que, para os brasileiros, continuam vinculados à rusticidade típica da cultura do homem do campo (modos para comer e hábitos de higiene).

Uma diferença que marca os depoimentos dos brasileiros em relação aos argentinos diz respeito aos horários deles. A sesta do argentino é bem mais longa do que a sesta do gaúcho da fronteira, então o comércio abre muito mais tarde em Libres e fecha tarde da noite também.

Esta representação a respeito do argentino ser tão diferente do brasileiro fronteiro também é construída a partir dos meios de comunicação por dois motivos: primeiro, a televisão enfatiza as peculiaridades e o ineditismo de alguns hábitos argentinos e, segundo, os brasileiros espelham-se na televisão, reproduzindo hábitos metropolitanos veiculados pela TV. A televisão é uma grande colaboradora no processo de uniformização do comportamento nacional em detrimento das culturas regionais, e esse é um processo que pode começar nos modos de comer ou de vestir de uma região.

#### Patriotismo, cultura nacional

Ao retratar as argentinidades e as brasilidades a questão do patriotismo torna-se importante como expressão das identidades culturais. Chama a atenção o fato dos argentinos considerarem o brasileiro muito patriota. Os depoimentos que tentam justificar esta representação giram em torno de quatro aspectos. O primeiro ponto observado é a passividade política do brasileiro, que se torna um contraponto em relação à turbulência na qual o argentino se envolve quando luta por seus direitos. Para os argentinos, protestar tanto quanto eles protestam é como não aceitar o seu país, bem como consumir em outro país (como eles tiveram que consumir durante a crise) também pode se caracterizar como uma atitude não-nacionalista, não-patriótica. Esta concepção inspira-se no hábito cotidiano dos argentinos em fazer compras no Brasil, em função da instabilidade econômica da região. Quanto a passividade do brasileiro, pode-se dizer que esta idéia é construída, principalmente, pelos meios de comunicação, porque





aparece muito pouco protesto dos brasileiros, tanto na televisão brasileira quanto na televisão argentina, em contraposição à presença constante dos argentinos que, a exemplo do que aconteceu no segundo semestre do ano passado, estavam organizando painéis<sup>3</sup> contra as políticas econômicas do Governo Federal. Outro aspecto observado sobre as representações do argentino em relação ao patriotismo brasileiro também é constituído pelos meios de comunicação, a partir dos programas de auditório, rotineiros na televisão brasileira, que passam a idéia de que o povo brasileiro é solidário em relação à pobreza. Os argentinos consideram a televisão brasileira humanista, preocupada em ajudar os mais carentes, em cuidar do povo, basicamente em função dos programas populares como, os do Silvio Santos, e das campanhas publicitárias feitas em função de alguma causa social.

Terceiro, o fato de os argentinos não se identificarem com a latinidade até a Guerra das Malvinas, quando foram atacados pela Inglaterra, teria os levado a questionar o quanto teriam traído as suas próprias origens ao se considerarem um povo europeu. Esse conflito entre identificar-se com a América Latina ou com a Europa leva-os a concluir que não são patriotas. Na verdade, confundem o sentimento de latinidade com o de argentinidade e, então, quando olham para o brasileiro que sempre foi brasileiro e sempre foi latino, parece-lhes que este é muito mais patriótico. Esta representação é permeada pela questão das culturas nacionais, neste caso manifestando um conflito acerca das culturas de diferentes regiões do planeta, como é o caso da América Latina e da Europa. Em especial, os relatos sobre a política cultural do presidente Sarmiento é importante para explicar a falta de auto-estima do argentino pelo menos num momento de crise como o atual. As políticas de Sarmiento na Argentina configuram-se como gestos fundadores.

Estes depoimentos revelam os discursos fundadores da Argentina, responsáveis pela propagação da ideologia civilização x barbárie. Esta ideologia que opõe civilização e barbárie, de acordo com Celada (1993, p. 110), idealiza o civilizado povo europeu como expressão da virtude e atribui ao nativo latino-americano a condição de

---

<sup>3</sup> Forma de protesto na qual o povo vai às ruas, bate em painéis e exige providências em relação aos problemas do país. Foi uma prática comum no final do segundo semestre de 2001, na Argentina, em especial em Buenos Aires, e culminou com a renúncia do presidente Fernando de la Rúa.



bárbaros. Também é possível notar a presença dos discursos fundadores quando os entrevistados reiteram o quanto não entendem como seu país está passando por tantas dificuldades, já que, para eles, a Argentina tinha tudo para ser uma potência mundial. Os depoimentos reproduzem o discurso de que a Argentina é um enigma. Este discurso fundador acabou gerando expressões corriqueiras, tais como “Este país não tem conserto” (Fontana, 1993, p.148) e, ao longo do tempo, ajudou a construir um sentimento de desconsolo com o país.

O quarto ponto diz respeito a uma tentativa de explicar o patriotismo brasileiro através das etnias. Essa idéia se baseia em um esquema bastante simplista que considera o português, migração importante na constituição da nação brasileira, um povo apegado à terra, que lidava muito com agricultura, e o espanhol, migração que constituiu a base da nação argentina, um povo que gostava muito de conquistar novos lugares, viajar e vivia do comércio. E essa herança étnica faria com que o argentino não fosse tão apegado a sua terra quanto o brasileiro. O interessante é que essa idéia acerca do desapego argentino a sua terra não se aplica ao apego que eles demonstram em relação aos símbolos da Argentina.

O patriotismo argentino se destaca nos relatos dos brasileiros. Exceto uma mulher, todos os outros os consideram mais patriotas do que os brasileiros. A expressão prática desta característica se dá no ato de preservar os costumes de sua nação. As mulheres reiteram a defesa ostensiva da pátria em jogos de futebol. Os homens lembram da educação argentina, que procura valorizar o país, e da persistência com que buscam seus direitos.

Estas representações acerca do patriotismo são formuladas a partir do cotidiano fronteiriço no qual é possível observar os argentinos preservando os costumes nacionais, demonstrando preferência por casamentos com argentinas e lutando pelos seus direitos. A memória também medeia a representação brasileira sobre o patriotismo argentino através do episódio das Ilhas Malvinas, no qual os argentinos travaram uma disputa com a Inglaterra pela posse das terras. Além disso, a televisão brasileira colabora para constituir esta representação quando



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

ênfatiza a atitude apaixonada com que os argentinos defendem a camiseta do país nos campeonatos de futebol.

#### Encontros e desencontros nas estremaduras das pátrias

O governo militar argentino não permitia a construção da ponte internacional porque acreditava que o Brasil pretendia invadir a Argentina. A Argentina sentia-se ameaçada com a idéia da unificação da América do Sul e o Brasil era o principal suspeito de querer aumentar o seu império. Os entrevistados refletem sobre a incongruência de estarem divididos em tantos países da América hispânica e que a única separação que teria sentido seria a mesma da colonização: América hispânica e América lusitana. (Escola)

No cotidiano, as pessoas observam o distanciamento social que ocorreu em função do Mercosul. Além da cotidianidade fronteiriça, a memória dos tempos em que eram menores e das histórias dos mais velhos sobre a vida na fronteira- medeia esta representação acerca do recente distanciamento das comunidades de fronteira. O que segue mantendo as relações sociais fronteiriças cotidianas são os laços familiares comuns e eventos, como os que integram jovens no ambiente esportivo, já que o elo comercial que os une apenas reproduz as políticas de Estado que se criam a partir de uma lógica de custo-benefício.

A maioria das representações relativas aos momentos de união entre fronteiras é constituída pelo cotidiano e pela memória vivida. A venda de televisores, no fim dos anos setenta, e o caso das Malvinas ficaram gravados como momentos de irmandade entre os povos de fronteira. O carnaval como o elemento da cultura nacional brasileira que se tornou um evento midiático e que foi repassado para Libres através do cotidiano e da televisão brasileira também é um elemento constituinte da memória que constrói estas representações.



## As partes e o todo

Enquanto o mundo desenha a fase mais avançada do capitalismo - em que a globalização econômica cresce nas mesmas proporções em que as massas se descapitalizam e as riquezas se aglutinam em torno de poucos - as culturas se misturam, se confrontam e se transformam com velocidade. Esta catálise que as culturas sofrem, tendo que reagir umas às outras com rapidez em um contexto global, é também provocada pela dinamização e estandarização das tecnologias da informação.

Na fronteira Libres-Uruguaiana constatamos que a televisão alimenta os conflitos entre brasileiros e argentinos porque sublinha as disputas econômicas entre os dois Estados. A televisão, tanto brasileira quanto argentina, enfatiza quem ganha e quem perde nas trocas comerciais bilaterais e ainda responsabiliza o país vizinho por eventuais prejuízos financeiros. Ao retratar as relações Brasil-Argentina através da lógica de quem leva mais vantagem, ajuda a construir representações que se confrontam no espaço fronteiriço, distanciando argentinos e brasileiros.

Já a televisão local, consumida apenas pela parte brasileira da amostra, não estimula os conflitos na fronteira mas também não estimula as trocas simbólicas interfronteiriças. A emissora local da RBS enfatiza que o argentino que está em Uruguaiana é turista, consumidor e procura não criticá-lo, nem quando são protagonistas de problemas no trânsito da cidade, para mantê-los como clientes na cidade e, assim, colaborar com o comércio local.

Das diferenças assinaladas, a representação midiática da política interfere negativamente na qualidade das relações fronteiriças, enquanto a cultura regional, a memória midiática, em especial no episódio das Ilhas Malvinas e a memória das sociabilidades passadas interferem para reforçar as relações.

Os símbolos e os hábitos de librenhos e uruguaianenses servem para distingui-los uns dos outros, mas não os afastam. Além do cotidiano, a televisão também contribui para formar as representações que distinguem brasileiros e argentinos, principalmente através da novela. Neste caso colabora na construção das representações do que é o brasileiro, para os argentinos. O fato é que as representações que eles têm da família e da mulher brasileira se constroem mais a partir da televisão brasileira do que do cotidiano.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A exposição aos meios de comunicação estrangeiros contribui mais para sedimentar a diferença entre argentinidade e brasilidade do que para que percam o contato com o “ser argentino” e o “ser brasileiro”. Mas existem exemplos de aculturação que percebemos quando os argentinos dizem que na fronteira são mais sociáveis do que os argentinos do resto de seu país. Isso ocorre em função da assimilação de hábitos brasileiros que são absorvidos pelo cotidiano e pela televisão brasileira que retrata, em especial, a cordialidade do brasileiro através de elementos como a família, a mulher e o carnaval. Já o processo de aculturação sofrido pelos brasileiros se dá mais no cotidiano, através das apropriações lingüísticas.

Em Uruguaiana-Libres, as referências locais se mantêm pela memória comum e pela cultura regional vivida e presente, reforçando a identidade regional e as trocas sociais e simbólicas fronteiriças. A memória vivida e a memória midiática unem os fronteirais porque lembram de episódios que viveram juntos e que receberam apoio um do outro, como é o caso da disputa argentina pelas Ilhas Malvinas, lembrança recorrente no imaginário fronteiriço e, neste caso, também na memória da mídia. Há conflitos nas relações sociais, mas a competência cultural, através da memória e da cultura regional contribui para estreitar as relações entre os latino-americanos. A competência cultural aumenta as possibilidades de crítica à televisão, às relações econômicas e políticas entre os países; é uma mediação importante na aproximação entre os fronteirais.

A escola, através do ensino da história, reproduz a ideologia da barbárie latina em oposição à civilização das culturas européias e assim contribui para o enfraquecimento das relações sociais na fronteira. Ao mesmo tempo, quanto maior o grau de escolaridade, maior é o poder de crítica em relação a esta ideologia.

A etnicidade é um aspecto subjetivo que separa argentinos e brasileiros porque reproduz a dicotomia colonizadora entre portugueses e espanhóis. Por outro lado, reforça os laços na fronteira em função da ascendência guarani, comum entre uruguaianenses e librenhos. Hall explica que, antes de se identificarem com a cultura nacional, as massas se identificavam com a sua tribo, região ou religião e que foi com a implantação dos Estados Modernos que o eixo das identidades foi deslocando-se para a cultura nacional (1999, p.49).

No desenrolar desta pesquisa, procuramos relacionar o todo e as partes, aprendemos com essas pessoas e seus mundos imaginários e reais que cultura, história,



cotidiano e meios de comunicação se movimentam em uma mesma órbita que permeia o sistema de representações. Ao estudar o caso Uruguaiana- Paso de los Libres, tivemos a oportunidade de descobrir como a multiculturalidade e o hibridismo da fronteira participam dos processos de significação que o receptor cria a partir do que a mídia transmite a respeito do universo no qual ele está inserido. Observamos como as pessoas da fronteira realizam suas trocas simbólicas com os cidadãos do país vizinho, como constituem e percebem suas próprias identidades nacionais e a identidade nacional da nação limítrofe. Verificamos tensões e similaridades que compõem as identidades de argentinos e brasileiros. Nestas representações e interações transnacionais, verificamos quando as identidades se reforçam ou não em um ambiente multicultural e híbrido, como é o caso Uruguaiana-Libres.

Para Canclini, o híbrido é a tentativa de sobrevivência das culturas dentro do capitalismo. Segundo o nosso ponto de vista, esta sobrevivência não favorece o local porque, no cenário que estudamos, a cultura nacional, os meios de comunicação e o trânsito fronteiriço atravessado pela economia do Mercosul e das políticas cambiais instáveis, afastam os povos fronteiros. A cultura regional é a mais enfraquecida no cenário fronteiriço porque a cultura nacional se sobrepõe a ela. Os fronteiriços se sentem mais próximos dos seus países do que do gauchismo. A atualidade fronteiriça é vítima de abalos econômicos constantes e isso reforça argentinidades e brasilidades.

Ao confrontar os depoimentos sobre a questão nacional com os depoimentos sobre o regional, é possível perceber que os argentinos se dizem parecidos com os brasileiros da fronteira, mas o tempo todo marcam as diferenças ligadas ao “ser brasileiro” e ao “ser argentino”. Tanto que a gauchidade aparece apenas quando perguntamos por ela, ou quando se lembram do passado. As raízes em comum estão ainda mais esquecidas para os brasileiros, a ponto de estranharem, em especial, aqueles hábitos herdados da tradição do homem do campo, como a forma de comer e as relações com a higiene. Os depoimentos deixam pistas claras de que a cultura da fronteira está diluída nos conflitos entre as nacionalidades.

Há indícios de uma desregionalização na fronteira Libres-Uruguaiana porque as relações sociais interfronteiriças se distanciam em função das políticas dos Estados Nacionais, do Mercosul, das trocas comerciais que oscilam gerando vantagens ora para o Brasil, ora para a Argentina. Sobre essa força identitária das culturas nacionais, Hall



afirma que “as identidades nacionais tendem a se sobrepor a outras fontes, mais particularistas de identificação cultural” (1999, p.67). A respeito da sobreposição de outras formas de identificação cultural em relação ao material identitário local, também Woodward aposta mais no hibridismo do que na resistência das culturas locais (2000). Ocorre que o nacional não consegue incorporar as regiões nem culturalmente, nem economicamente como é o caso do Mercosul que, para os entrevistados, é um acordo entre São Paulo e Buenos Aires. A formação de blocos econômicos advindos das forças globais do capitalismo diminui a autonomia de regiões que incorporam tendências locais, nacionais e internacionais, com o predomínio das disputas entre Estados-Nação, capitaneados pelos centros econômicos nacionais onde se concentram riquezas.

Quando os mercados eram menos unificados em blocos econômicos, as relações entre brasileiros e argentinos eram mais próximas. Depois da unificação capitaneada pelo Estado Nacional, sob pressão do capitalismo avançado, a cultura regional sofreu um processo de descaracterização porque perdeu poder de decisão sobre suas trocas materiais e simbólicas. O Estado descapitaliza a região, obrigando-a a subordinar-se aos centros econômicos nacionais, aliados ao capital externo.

Se entendemos que a região fronteiriça intensificou os laços transnacionais em prejuízo dos locais, outrora existentes entre brasileiros e argentinos, o texto de Canclini está ampliando a nossa afirmação acerca da desregionalização. Ele diz que as comunidades se constituem cada vez mais transcendendo os territórios locais e regionais e têm se intensificado a transnacionalidade nas instâncias de decisão, de poder, de economia e de comunicação (1997, p.77). As determinações não vêm mais das comunidades, são articuladas pelos respectivos Estados Nacionais que não têm mais o poder de gerir estas relações, isto é, de preservar hierarquicamente as culturas locais, pois estão comprometidos com o capital internacional.

Sem dúvida, apesar dos constrangimentos sociais e econômicos impostos pelo Estado-Nação, e do conseqüente enfraquecimento dos laços entre os fronteiristas, a região de fronteira desempenha um papel central para orientar as representações das pessoas, tal qual aconteceu na pesquisa de Canclini em Tijuana. Para os povos fronteiristas de lá, “não havia tema mais central para a autodefinição que a vida fronteiriça e os contatos interculturais” (1990, p.297). De qualquer forma, o que Canclini diz, em 1990, sobre Tijuana, é que, ao contrário do que se pensa, as populações fronteiriças reforçam a





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

identidade mexicana (nacional), justamente em função do conflito com os norte-americanos. Este ponto de vista confirma o que se passa em Uruguaiana-Libres, região na qual as argentinidades e brasilidades se reforçam em função dos confrontos econômicos e dos embates políticos na mídia.

A nação, como “uma comunidade de identidade, uma comunidade de atitudes e uma comunidade de reações ante o estrangeiro, e, sobretudo, ante ao inimigo” (Morin, 2000) é a principal forma de identidade dos fronteiros em época de crise econômica. Quando a região é vitimizada pela verticalidade das decisões econômicas, as identidades são usadas de forma oportunista e com caráter distintivo. Quando não convém economicamente conviver com o mercado ao lado, para os argentinos, os brasileiros são outsiders, e vice-versa.

Gaúchos e *gauchos* se miram, um em cada margem do rio Uruguai. Os homens estão lá, as legendas gaúchas também. Mas o leito do rio, espaço de diversas confluências simbólicas, percebe uma nova etapa histórica. Já não banha mais o mesmo torrão pampeano. Agora, é cada vez mais alambrado no imaginário de hispano-guaranis e lusitanos- tupis. O imaginário do pampa, que corre em suas águas, é uma pátria que se esvai na correnteza, enquanto o minuano sopra as flâmulas fincadas nas estremaduras das nações.

#### Bibliografia:

BARBERO, J. M. De los Medios a las mediaciones. Mexico: GG Mass Medeia, 1987.

CANCLINI, N.G. Cultura y Comunicación: entre lo global e lo local. La Plata:

Ediciones de periodismo y Comunicación, 1997.

CANCLINI, N.G. Culturas híbridas. México: Grijalbo, 1990.

CELADA, M.T. A fundação de um destino para a pátria argentina. In: ORLANDI, E. P. (org.) Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993.

FONTANA, M.G.Z. Sonhando a pátria: os fundamentos de repetidas fundações. In: ORLANDI, E. P. (org.) Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993.





INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

HAGUETE, T.M.F. Metodologias qualitativas na Sociologia. Petrópolis: Vozes, 1992.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MORIN, E. A cabeça bem-feita. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

OROZCO, G. Notas metodológicas para abordar las medeiaciones en el proceso de recepción televisiva. In: Cuadernos de diálogos de la comunicación, Peru:

FELAFACS, 1990.

RONSINI, V.M. Apontamentos para uma cartografia da recepção. In: Coletâneas Mídias e recepção. São Leopoldo: Unisinos, 1999.986.

THIOLLENT, M.J.M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. [?]: Polis, 1980.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.